

Touros os prémios do cinema europeu

Cinco dos principais Óscares europeus para *Gomorra*, de Matteo Garrone a partir do livro de Roberto Saviano. Uma vitória nada surpreendente, diz Wim Wenders



Gomorra, de Matteo Garrone

Vanessa Rato
Melhor filme, melhor realizador, melhor argumento, melhor actor e melhor fotografia. Depois da cerimónia de sábado, emopenhaga, é oficial: em 2008 a máfia napolitana juntou às suas leiras 1800 honoráveis - os 1800 membros do júri do comité de eleição da Academia de Cinema

Europeu que entregou a *Gomorra* quase todos os principais prémios dos Óscares europeus, depois do Prémio do Júri do Festival de Cannes, no princípio do ano. Melhor filme e melhor realizador para Matteo Garrone. Melhor argumento para Garrone e cinco cúmplices, entre os quais Roberto Saviano, o autor, agora sob ameaça permanente de morte

e obrigado à clandestinidade, que escreveu o livro homónimo e ajudou à sua adaptação (com Maurizio Braucci, Ugo Chinti, Gianni Di Gregório e Massimo Gaudioso). Melhor actor para Toni Servillo, que, aos 49 anos, se fez Franco, figura nuclear de uma das cinco histórias cruzadas que compõem o filme (entretanto tornou-se também

Giulio Andreotti em *Il Divo*, o também polémico filme de Paolo Sorrentino sobre o antigo primeiro-ministro italiano acusado de ligações à máfia em meados dos anos 1990 mas absolvido no final da década e senador vitalício por indicação presidencial desde 1991). E, por fim, melhor fotografia, para Marco Onorato, um *habitué* do cinema italiano

mas que nunca tinha saltado para as bocas do mundo. O que ficou de fora, dos mais ambicionados? O prémio de melhor actriz, que foi para Kristin Scott Thomas, em *Il y a longtemps que je t'aime*, de Philippe Claudel, e o prémio da crítica, que foi para o realizador francês Abdellatif Kechiche, por *La graine et le mulet*. Entre as 15

categorias contempladas, ainda prémio revelação para *Hunger*, obra de estreia cinematográfica do artista plástico inglês Steve McQueen já premiado em Cannes, e melhor curta-metragem para os já multipremiados 12 minutos de *Frankie*, do irlandês Darren Thornton. Espaço também para um prémio especial, de contribuição para o cinema

categorias contempladas, ainda prémio revelação para *Hunger*, obra de estreia cinematográfica do artista plástico inglês Steve McQueen já premiado em Cannes, e melhor curta-metragem para os já multipremiados 12 minutos de *Frankie*, do irlandês Darren Thornton. Espaço também para um prémio especial, de contribuição para o cinema

categorias contempladas, ainda prémio revelação para *Hunger*, obra de estreia cinematográfica do artista plástico inglês Steve McQueen já premiado em Cannes, e melhor curta-metragem para os já multipremiados 12 minutos de *Frankie*, do irlandês Darren Thornton. Espaço também para um prémio especial, de contribuição para o cinema

Crítica de Música

Mensagens de Pessoa na língua de Pavese



Mariano Deidda canta Pessoa
★★★★★
LISBOA, Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém 5 de Dezembro às 21h Sala menos de meia
Já se disse aqui, por ocasião de uma série de concertos no Teatro Nacional D. Maria II em fins de Janeiro, que Mariano Deidda é um pessoano vero, devotado à obra poética de Fernando Pessoa e empenhado em mostrá-la ao mundo da maneira que melhor sabe. Ou seja, através da música.

Desta vez, antes dos poemas/canções que integram os seus três discos dedicados à obra pessoana (editados em 2001, 2003 e 2005), Deidda mergulhou primeiro na *Mensagem* e foi com ela que abriu o recital, depois da entrada, um a um, dos músicos. A começar pelo pianista Nino La Piana, tão essencial à sonoridade dos seus discos (participou em todos). "As nações todas são mistérios./ Cada uma é todo o mundo a sós./ Ó mãe de reis e avó de impérios./ Vela por nós!" D. Tareja. Em italiano, naturalmente, já que Deidda, embora se esforce por falar

um pouco mais em português, só consegue transmitir-nos o que realmente pensa e sente em italiano ("tensão" é muito diferente se lhe tirarmos o "n", e esse foi um dos gags involuntários da noite). Pelo meio, como anunciara, Deidda cantou Pavese, poeta italiano que em 2008 celebra 100 anos, ao passo que Pessoa comemora 120, lembrando um poeta que ambos admiravam, Walt Whitman. Ao cantar Pavese elevou a voz, o que não é usual (fá-lo-ia mais tarde também em *Rosmarino*, a assinalar a leveza

das quadras de Pessoa), já depois de ter cantado estas palavras do *Livro do Desassossego*, que cantou em Beirute, em 2006, comovidamente: "Passei entre eles estrangeiro porém nenhum viu que eu o era. Vivi entre eles espião, e ninguém, nem eu, suspeitou que eu o fosse. Todos me tinham por parente: nenhum sabia que me haviam trocado à nascença. Assim fui igual aos outros sem semelhança, irmão de todos sem ser da família." *Fratello di tutti*, também de nós. Com os músicos, numa noite inspirada (La Piana, Luca

Zanetti, Roberto Chiriaco, Diego Mascherpa), abordou temas do seu reportório pessoano como *Um bacio solo* ou *Il mito*, com o acordeão e o clarinete a inventarem vozes paralelas à sua, algures entre o jazz e a música contemporânea. No *encore*, voltou à *Mensagem*: "O esforço é grande e o homem é pequeno..." E recordou os cafés de Lisboa na poesia de David Mourão-Ferreira. Lisboa, "cidade aberta, sem medo da diversidade", como ele assinalou, entre aplausos.

Nuno Pacheco
A Orquestra Metropolitana Lisboa associa Messiaen a esta tarde no Centro Cultural de Belém (CCB), com um pré-foyer do Grande Auditório (17h), que inclui a interpretação de Tema e Variações para Piano, por Augustin Dum

pitch
Dia 13 Dezembro Sábado
No Club Pitch, uma das grandes referências do electro-house mundial Chicken Lips DJ Set com Stevie Kotey

98.9 RADIO NOVA ORIGINAL DAQUI 19 ANOS
Patrocinadores: **clix**, **worten**, **gamobar**
Apoio: **Quetzal**

Lançamento hoje às 16 horas na Livraria
O Mundo é Tudo
Quetzal